

RELATO DE EXPERIÊNCIA

ESPAÇOS PARA APREENDER O OFÍCIO: FORMAÇÃO DE JORNALISTAS A PARTIR DA PARTICIPAÇÃO EM OFICINAS E GRUPOS DE PESQUISA

Iluska Coutinho; iluska.coutinho@ufff.br

Ana Paula Goulart de Andrade; goulartdeandrade@gmail.com

RESUMO

Princípios orientadores para a formação de jornalistas profissionais no ensino superior, as Diretrizes Curriculares, propostas em 2009 e publicadas em 2013, definem seis eixos formativos, salientando ainda a importância das atividades laboratoriais e do estágio, agora componente curricular obrigatório. Mais recente, a curricularização da extensão universitária evidenciou a importância do protagonismo discente na realização de atividades em diálogo com a sociedade. A proposta deste relato é descrever experiências de participação de docentes e estudantes de Jornalismo em grupos de pesquisa e em oficinas articuladas a partir deles como espaço fundamental para apreender o ofício do Jornalismo entendido como uma atividade de transformação social, comprometida com a cidadania.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo. Grupos de Pesquisa. Emancipação. Audiovisual. Território.

1. INTRODUÇÃO

Do que se faz a formação em Jornalismo? Aprovadas em 2009, a partir do trabalho de uma comissão de especialistas, as Diretrizes Curriculares em Jornalismo historicizam a trajetória da formação em Jornalismo a partir da realidade brasileira de oferta de cursos em IES e do desenvolvimento do campo científico da Comunicação (Comunicação Social ou Ciências da Comunicação, conforme o documento). De acordo com o relatório elaborado pelos especialistas:

Em abril de 2006, o 9º. Encontro do Fórum Nacional dos Professores de Jornalismo aprovou uma resolução recomendando ao Ministério de Educação que, em razão da maturidade teórica e do reconhecimento social de sua importância, os Cursos de Jornalismo devem constituir graduação específica em Jornalismo e não mais uma habilitação dos cursos de Comunicação Social. Poucos meses depois, o 32º. Congresso Nacional dos Jornalistas, realizado em Ouro Preto, em julho de 2006, aprovou uma resolução no mesmo sentido. (Diretrizes, 2009, p.12).

O documento produzido pelos especialistas, e disponível no site do MEC como referência para a formação superior em Jornalismo, inclui propostas acerca da

organização do curso; projeto pedagógico; perfil do egresso; competências (gerais e específicas) e conteúdos curriculares (incluindo sua organização). Os conteúdos curriculares seriam distribuídos em seis eixos formativos, idealmente equilibrados em relação à sua carga horária: fundamentação humanística; fundamentação específica; fundamentação contextual; formação profissional; aplicação processual e prática laboratorial. Para além de aspectos obrigatórios, como a carga horária mínima de 3200 horas, sendo destas 200 de estágio curricular e 300 em atividades complementares, o documento apresenta-se como diretrizes que se assemelham a princípios gerais, tais como “valorizar o equilíbrio e a integração entre teoria e prática” e “Garantia de oportunidade de conhecimento da realidade, nos contextos local e regional”.

Instituições de ensino superior têm desde então buscado materializar tais princípios e normativas elaboradas considerando características particulares quanto ao perfil do mercado local e quanto ao seu financiamento, público ou privado. A proposta nesse relato de experiência é apresentar potencialidades de apreensão do Jornalismo que dialogam com esses percursos formativos de forma mais fluída, menos estruturante e algumas vezes pouco valorizadas nos PPCs. A participação de docentes e discentes em grupos de pesquisa e em oficinas por eles articuladas é apresentada a partir de experiências do NJA - Núcleo de Jornalismo e Audiovisual (UFJF) e do LECC - Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária (UFRJ).

2. METODOLOGIA DE TROCAS: GRUPOS E IMAGINAÇÃO DO COMUM

Obra de referência no campo da Comunicação, a obra “O Espírito Comum” de Raquel Paiva foi editada em 1998 pela editora Vozes, ano que também foi marcado pela criação do LECC, Laboratório criado pela professora na Escola de Comunicação da UFRJ. Em 2023, 25 anos após a primeira edição da obra, celebrou-se a obra, e suas sementes com a publicação do livro “Espíritos Utópicos: a regeneração do comum”, organizado por Cristiano Henrique Ribeiro dos Santos e Luana Bulcão. A coletânea reúne textos de autores e autoras “(...) impactados pessoal e

profissionalmente pela publicação de “Espírito Comum: comunidade, mídia e globalismo” de Raquel Paiva há 25 anos” (UFRJ, 2023).

Potente como conceito, mas sobretudo como diretriz para a formação e transformação da sociedade, a obra apresenta as potencialidades do pensar a agir coletivamente, em comum. Instância valorizada sobretudo na pós-graduação, os grupos de pesquisa, formalmente registrados no CNPq, são um espaço potencialmente importante para a formação de jornalistas, na graduação. Isso ocorre, entre outros aspectos, pela possibilidade de ação em comum de jornalistas profissionais e em formação, graduandos, pesquisadores em formação, docentes e investigadores sêniores.

Nos limites deste relato de experiência apresenta-se uma das atividades desenvolvidas em cada um dos dois grupos de pesquisa anteriormente mencionados: NJA e LECC. As oficinas a seguir descritas articulam ações de docentes e discentes de Jornalismo que assumem protagonismo em uma sociedade na qual a informação de qualidade também possa ser cada vez mais comum, no sentido de ser acessível a todos cidadãos e cidadãs.

3. EMANCIPAÇÃO JORNALÍSTICA TELEVISUAL: DO CURSO À AÇÃO

A ecologia midiática reorganizou os modos de produção, edição, distribuição, circulação, consumo e monitoramento da notícia por meio das mais variadas telas da contemporaneidade. Se, por um lado, a “era da telesfera” força reflexões sobre a morte da televisão tradicional do século XX, por outro, suscita discussões inadiáveis acerca da produção de sentido audiovisual, representada por múltiplos fluxos informacionais do ambiente digital. A ubiquidade televisiva do atual cenário promove um deslocamento dos “televizinhos” do passado para os “atores sociais” do presente. Indubitavelmente, a televisão e o telejornalismo já nasceram de forma excludente e restrita à elite. Entretanto, hoje, a força do audiovisual nas multiplataformas pode reverter essa lógica e funcionar como um dispositivo emancipatório a partir do uso guiado pelos saberes jornalísticos, que incluem a compreensão das rotinas produtivas profissionais. Dotados da expertise do “saber

fazer telejornalístico”, os coletivos ganham potência para construir socialmente uma realidade mais plural, explorando abordagens do poder local que vão além da tragicidade, como comumente são enquadrados/agendados pela mídia hegemônica.

A partir dessa perspectiva foi apresentada uma proposta de oficina, ministrada por uma das autoras desse relato, a professora Ana Paula Goulart de Andrade, apostando na autonomia e no poder emancipatório dos coletivos, focalizando a transformação social a partir da adoção de critérios noticiosos com abordagem mais democrática, inclusiva, diversa e inventiva. Em recente atividade com lideranças comunitárias, foi possível estabelecer contato com mais de quarenta ativistas da comunicação comunitária que executaram papel destacado no enfrentamento da pandemia de Covid-19 em favelas do Estado do Rio de Janeiro. Nesta oportunidade, esses atores sociais iniciaram um processo de capacitação para assumir o protagonismo em termos de produção de conteúdo, notadamente noticioso, em busca de uma autonomia midiática, que aliás inspirou o nome do Curso: “Emancipação Jornalística Televisual” –que os desloca do imperativo da mídia tradicional. Foi a partir desta experiência realizada pelo Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária (LECC) que o curso ganhou forma e pretendeu tomar o manancial de referências produzido pelo laboratório para dar cabo das anotações e análises futuras da iniciativa que conjuga ensino, pesquisa e extensão. Assim, a proposta do curso “Emancipação Jornalística Televisual” mobiliza práticas conjugando discentes e docentes para a capacitação de comunicadores comunitários, bem como profissionais com reconhecida atuação na construção do telejornalismo brasileiro.

Sua metodologia passa pelo reconhecimento das etapas dos processos noticiosos e a autonomia para a decisão de formulação de pauta comunitária. A intenção da criação de narrativas inclusivas do comunitário, no rol dos acontecimentos midiáticos, prevê um modelo de convivência com a mídia tradicional. Afinal, tem-se em mente que não se objetiva a substituição de uma coisa pela outra, mas sim do entendimento que se faz preciso um movimento de descentralização das narrativas do cotidiano e, especificamente, das produções noticiosas sobre os acontecimentos –ainda mais quando tratam de temáticas que atravessam as

4
comunidades. É nesse ínterim que a proposta de curso com e para os coletivos ganha relevância, porque aproveita a expertise técnico-profissional para promover a utilização do telejornalismo como um novo dispositivo de produção de conhecimento, que alcança as vozes dos coletivos que muitas vezes são representados apenas pelo prazer narrativo na co-produção noticiosa, vinculadas à violência das comunidades e exibidas na mídia de massa, sem garantia de direitos cívicos nos territórios das favelas cariocas. Dessa forma, com a coordenação da professora Ana Paula Goulart de Andrade (PPGMC –UFF/ UFRJ), houve ainda a parceria de jornalistas para representar a mídia tradicional, docentes e discentes para a realização do curso dividido em duas aulas. Em um primeiro momento explicou-se o funcionamento de uma redação tradicional e as trajetórias da notícia desde a ideia nascente até a publicação de fato. Posteriormente, a turma realizou exercícios de “contação de histórias” a partir das realidades vividas e construção de mundo nos territórios locais, sugerindo pautas para a realização de um produto. Por fim, houve um workshop com noções de edição de vídeo via celular para aumentar o entendimento televisual dos agentes comunitários e inseri-los na cena midiática nas redes sociais, considerando a produção de sentido e o jornalismo para múltiplas telas com a criação de um canal informativo a ser alimentado pelo comunicador comunitário pelo Instagram. Acredita-se que a iniciativa permitiu identificar potencialidades e desvelar um novo ritual do cotidiano em telas com vistas ao reforço da mais abrangente cidadania possível.

4. UMA IDEIA NA CABEÇA E UM LEAD COMO CAMINHO PARA A REFLEXÃO

A outra iniciativa a apresentar foi desenvolvida no âmbito do Núcleo de Jornalismo e Audiovisual (NJA-UFJF). Dessa vez a proposta foi construir caminhos reflexivos comuns a partir de referências da prática profissional que marcam os primeiros passos de (re)conhecimento de estudantes de jornalismo. A construção do lead é uma das lições iniciais nos cursos de jornalismo, e ainda antes, tem comparecido mesmo como conteúdo de língua portuguesa na educação básica e,

especialmente em momentos nos quais se discute a importância de leitura crítica da mídia ou investimento na chamada literacia midiática.

Inspirado na máxima de Glauber Rocha, a estimular a produção do Cinema Novo, o chamado para a ação formativa proposta pelo grupo de pesquisa sediado na UFJF convocava estudantes que tivessem uma ideia na cabeça para produzir um artigo, considerando chamadas de evento em aberto. A participação em eventos acadêmicos, como o Enejor, por exemplo, é oportunidade de entrar em contato com novas fontes e perspectivas de conhecimento, e por isso dimensão formativa importante. Eles constituem oportunidade para cumprimento da carga horária em atividades complementares, prevista nas Diretrizes Curriculares.

A realização da oficina no “Uma ideia na cabeça e uma chamada em aberto” em junho de 2023, foi precedida por um planejamento coletivo, inclusive de sua divulgação. Por meio da participação de bolsistas de graduação foi elaborado um vídeo, circulado por meio de redes sociais digitais que foram a interface para publicização da proposta. A resposta ao chamado foi bastante positiva, e resultou na participação de discentes de diferentes estágios de realização do curso.

A proposta de maneira geral foi buscar evidenciar que a realização de projetos, de pesquisa e desenvolvimento, poderia ter como ponto de partida as perguntas já (re)conhecidas como marca do primeiro parágrafo em textos jornalísticos, acrescidos de uma informação complementar. A fórmula lead+Pq apresentava materialidade gráfica à tentativa de conformar uma proposta de artigo/ resumo expandido a ser encaminhado para submissão em evento acadêmico. Assim, buscou-se evidenciar correspondências entre O que, Quem, Onde, Como, Quando, Porque e Problema, Autores/ Conceitos chave, Objeto empírico, Método, Recorte temporal, Justificativa...o pq adicional corresponde aos objetivos, para que a pesquisa/ reflexão seria realizada.

Os participantes da oficina apresentaram suas propostas, em diálogo com o modelo formulado, evidenciando que além de serem pesquisadores do cotidiano a reflexão científica é outra saída possível para os fazeres jornalísticos. Muitos desses

resultados iniciais foram submetidos à eventos científicos, com apresentação pelos(as) autores(as).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As duas experiências apresentadas neste relato propõem a ampliação dos territórios formativos no ensino superior em Jornalismo, em busca de uma formação que se aproxime da sociedade e suas demandas. Acredita-se que os grupos de pesquisa constituem espaço privilegiado para, pela dimensão horizontal e dialógica que os caracteriza, permitir a emergência de novos protagonismos, capazes de geração de modos de (re)configuração mais empática e inovadora do conhecimento profissional em jornalismo.

Se, conforme descrevem as diretrizes “o Jornalismo entrou no século XXI em estado de crise”, acredita-se que a busca por novos modelos de produção de conhecimento e formação possam ser o caminho para a busca de soluções, de novos jornalisismos possíveis. Eles passam pela busca por emancipação, de fontes e de profissionais, potencializada por novos modos de apropriação das tecnologias e dos modos de circulação de informações, mas também pela reflexão constante do jornalismo atualmente existente em diferentes veículos e localidades, uma reflexão que apesar de um viés mais científico, apresentada em eventos acadêmicos, pode estar ancorada e estruturada a partir das técnicas e modelos profissionais, como aquele da redação noticiosa a partir do lead.

Em síntese, a proposta é de (re) afirmação de que o espaço comum seja tornado vivo a partir da atuação de discentes, docentes e profissionais em defesa, ainda que um tanto utópica, do Jornalismo como forma de conquista da cidadania.

REFERÊNCIAS

PAIVA, Raquel. **Espírito Comum**: comunidade, mídia e globalismo. Petrópolis: Vozes, 1998.

DIRETRIZES CURRICULARES EM JORNALISMO. (2009) . Disponível em http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/documento_final_cursos_jornalismo.pdf